



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

INCIDENTE NA RAIZ: RECONHECIMENTO, IDENTIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Autora: Prof. Ms. Francielle Suenia da Silva; Orientadora: Profa. Dra. Márcia Tavares Silva

(Universidade Federal de Campina Grande, franciellesu@gmail.com; Universidade Federal de Campina Grande, tavares.ufcg@gmail.com)

Resumo: A escola é um dos meios de propagação da literatura afro-brasileira, não só pela quantidade de pessoas que assiste, mas, principalmente, pela diversidade de pessoas que formam o público a permear esse espaço. Tendo em vista a igual necessidade de identificação dos jovens educandos com a etnia a que pertencem, percebemos a literatura afro-brasileira como uma forma de promover uma reflexão em seus leitores, de forma específica, os que estão em fase escolar. O presente trabalho tem como objetivo suscitar, a partir da leitura do conto “Incidente na Raiz”, de Cuti (1996), uma discussão sobre reconhecimento e identificação étnica, partindo dos fenótipos e do discurso de negação apresentados pela protagonista do texto. Para tanto, faz-se necessário uma reflexão sobre os padrões de beleza estimados pelas pessoas, nesse caso, mulheres e, além disso, a força ainda exercida pela mídia na perpetuação ou na criação de novos modelos do belo. Destacamos os seguintes teóricos como fundamentais para a realização desse trabalho: Gomes (2008), no que diz respeito à estética corporal da mulher negra como forma de identificação étnica; Amâncio (2014), sobre a formação do leitor e leitura de literatura afro-brasileira nas escolas; Cosson (2014), sobre as possibilidades de leitura literária; e Sodré (2015), sobre a identidade do povo brasileiro. A presença da literatura afro-brasileira nas escolas pode proporcionar a professores e alunos um conhecimento acerca da cultura negra, gerando uma possível valorização dos costumes e desconstrução de estereótipos de pessoas pertencentes a essa etnia.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, identificação, diversidade.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



INCIDENTE NA RAIZ: reconhecimento, identificação e valorização da cultura afro-brasileira

Autora: Profa. Ms. Francielle Suenia da Silva; Orientadora: Profa. Dra. Márcia Tavares Silva

(Universidade Federal de Campina Grande, franciellesu@gmail.com; Universidade Federal de Campina Grande, tavares.ufcg@gmail.com)

Introdução

A presença da cultura negra na sociedade está intimamente ligada às tradições na dança, religião, gastronomia, vocabulário e outros costumes internalizados pela sociedade. O negro brasileiro, ao longo dos anos, vem conquistando oportunidades de crescimento social. No âmbito literário, a literatura afro-brasileira não só repara como também institui um novo modelo de falar do negro na história - em detrimento da condição de objeto com o qual era representado na literatura - e, principalmente, na contemporaneidade, uma vez que é necessário refletir sobre as condições desse sujeito no contexto em vigor por apresentar novas formas de resistência e afirmação.

A linguagem literária da atualidade permite falar da memória, cultura, resistência do negro ontem e hoje, aliando caráter social e estético, passado e presente. Dessa forma, corrobora para a visualização da literatura negra, pois amplia o modo de como se fala, o que se fala e quem fala sobre o negro. A escola é um dos meios de propagação da literatura afro-brasileira, não só pela quantidade de pessoas que assiste, mas, principalmente, pela diversidade de pessoas que formam o público a permear esse espaço. O presente trabalho tem como objetivo suscitar, a partir da leitura do conto “Incidente na Raiz”, de Cuti (1996), uma discussão sobre reconhecimento e identificação étnica, partindo dos fenótipos e do discurso da protagonista do texto, uma vez que o corpo negro é um forte elemento para identificação e valorização da negritude.

Fundamentação Teórica

Literatura, corpo e marcas identitárias negras

Pensar na literatura afro-brasileira é pensar, dentre outras coisas, na construção de identidade (s) dos sujeitos retratados nos textos que pode ser marcada pelo autor do texto, pelo lugar de fala do narrador, da personagem, os costumes, as práticas religiosas, a linguagem coletiva e de tom denunciador, além de questões físicas, como o corpo. Por identidade, trazemos o que diz Sodré



(2015, p. 52):

Seja nacional ou pessoal, a identidade afirma-se primeiro como um processo de diferenciação interna e externa, isto é, de identificação do que é igual e do que é diferente, e em seguida como um processo de integração ou organização das forças diferenciais, que distribui os diversos valores e privilegia um tipo de acento

De acordo com o exposto, a identidade está relacionada com o identificar-se com o igual e/ou com o diferente a partir de um conjunto de fatores que será responsável, também, pela aproximação do sujeito de um desses dois polos. Relacionando esse conceito com o conto “Incidente na Raiz” que serve de corpus para este trabalho, é esse o movimento de identificação -ou não- que acontece com a personagem Jussara por meio dos seus fenótipos físicos. Cada vez que está próxima de ser identificada e/ou de evidenciar ou se aproximar das características que lhe são próprias, a personagem prefere distanciar-se e ocultar as marcas que a identificam como mulher negra.

Gomes (2008) em seu livro *Sem Perder a Raiz: corpo e cabelo com símbolos da identidade negra* intitula de processo de *rejeição/aceitação*, no que diz respeito ao corpo negro. Segundo a pesquisadora, “a rejeição do corpo negro pelo negro condiciona até mesmo a esfera da afetividade” (GOMES, 2008, p. 124). Sendo assim, compromete todas as relações interpessoais que o sujeito possa ter ao longo da vida. A autora ainda complementa:

Apesar do seu caráter específico no que se refere à construção da identidade negra no Brasil, o movimento rejeição/aceitação construído socialmente pelo negro insere-se ainda em um universo mais amplo que inclui dimensões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas. Ele nos fala da relação de aproximação e afastamento na qual coexistem atitudes opostas. De um ponto de vista cultural, essa distância pode ser vista como a maneira por meio da qual os grupos sociais se reconhecem a si mesmos e aos outros (GOMES, 2008, p. 125)

A construção de identidade do povo negro, bem como a rejeição/aceitação são influenciados por fatores internos e externos. A partir disso podemos perceber a influência da mídia nesse processo rejeição/aceitação do negro pelo seu corpo, bem como na perpetuação e criação de novos padrões de beleza.

A literatura pode ser um bom meio para que o professor trabalhe a temática do negro com os alunos, uma vez que “cria oportunidades diversas para discutir aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil, bem como fomentar o pensamento crítico acerca de realidades diversas” (AMÂNCIO, 2014, p. 106).



A presença da literatura negra nas escolas pode auxiliar o professor no trabalho com a leitura, por, primeiramente contribuir para sua formação pessoal como leitor e mediador do encontro do aluno com o texto e, em seguida, por aproximar ou, ao menos, apresentar aos alunos situações que acontecem em nossa sociedade, mas que, por vezes, são camufladas pela sociedade. Apesar de poucos alunos possuírem conhecimento acerca desse tema, é importante mostrar como a literatura aborda essa questão.

Em uma perspectiva de sala de aula, o trabalho com a leitura que leve o aluno a conhecer outras perspectivas de mundo pode proporcionar o contato com os temas que a literatura aborda. A escola, como um dos locais de promoção do saber, ao divulgar a literatura negra brasileira tanto para os professores quanto para os alunos, contribui para que esses sujeitos conheçam a cultura, as peculiaridades, e os problemas enfrentados por um determinado grupo étnico para, assim, tornar mais evidente situações de preconceito enfrentadas por sujeitos desse grupo.

A leitura e discussão de textos de temas afro-brasileiros nas salas de aula podem promover uma desconstrução dos estereótipos que envolvem os afrodescendentes, sendo os professores e os autores dos textos também fundamentais para essa desconstrução. Os escritores por mostrarem que, no papel de vítima ou de coadjuvante na literatura, este passa a ser sujeito, escrevendo e atuando na e pela sua história.

Já os professores, por trazerem para a sala de aula os estudos sobre a afrodescendência, permitindo que “educandos e educadores interajam com a cosmovisão do africano, sua concepção do universo, da vida e da sociedade” (AMÂNCIO, 2014, p.43). E, assim, participar da “construção de uma identidade ou personalidade coletiva” (MUNANGA, 2009, p.12).

A partir de um conceito que vê a leitura como diálogo – diálogo entre o sujeito que lê e texto, além de antigas leituras - e do circuito de leitura do qual leitor, autor, texto e contexto fazem parte, Cosson (2014) apresenta opções de como se ler literatura, observando o contexto, o texto e o intertexto.

A primeira possibilidade de leitura do contexto é a relação deste com o autor (COSSON, 2014), sendo, então, de caráter biográfico, mas que não se prenderia à vida pessoal de quem escreveu a obra, mas sim observaria traços característicos de produção das obras que estejam relacionados à vida do autor, o modo como ele está inserido em uma cultura e a observa. A segunda é leitura entre contexto e leitor, na qual o receptor da obra buscará pontos de convergência entre o texto e sua vida. O terceiro tipo de leitura de contexto é sua relação com o texto; nesse momento, há a confirmação do que já é conhecido pelo leitor e fornecido pelo texto, por exemplo, temática,



gênero, entre outros.

A leitura do texto pode ser realizada através de quatro prismas (COSSON, 2014). O primeiro é o texto-autor que se volta para a confirmação de traços estilísticos do autor. O segundo é o texto-leitor configurando-se como a procura deste em emocionar-se com alguma imagem produzida pela obra; podemos dizer que esta seria uma leitura afetiva.

A leitura do texto-contexto é a terceira forma apresentada. Considera aspectos como editoração, elementos paratextuais e diferentes edições de uma mesma obra com o intuito de comparar e apontar diferenças que podem interferir no significado do texto. O quarto prisma é voltado para o intertexto com o objetivo de observar recursos linguísticos, construções frasais e de que forma elas se materializam no texto.

Os quatro modelos de leitura do intertexto são direcionadas ao autor, texto, leitor e contexto. Esses quatro tipos “têm como limite o reconhecimento e o relacionamento entre os textos a ser feito pelo leitor” (COSSON, 2014, p. 78). A leitura do intertexto-autor considera as realizadas anteriormente pelo escritor e que deixaram marcas na escrita do autor como porta de entrada para o diálogo com os textos que “precederam” o atual.

O tipo de leitura de intertexto, que privilegia o texto, apresenta ao leitor possibilidades de dar significados à obra no instante em que ele percebe a presença de outros textos em forma de recursos estilísticos, como a paráfrase e a paródia, e os identifica a ponto de estabelecer relações de sentidos entre o conjunto de obras. No instante em que é realizada a leitura de intertexto-leitor a memória deste último é acionada, de modo que ele estabelecerá elos entre o momento atual e o seu histórico de leitura.

O último modelo considera a relação do intertexto com o contexto no objetivo de “analisar os sentidos da obra construídos em diálogo com o gênero ou estilo. (...) Consiste em verificar os sentidos de uma obra pelo seu encaixe na moldura do gênero ou do estilo” (COSSON, 2014, p. 79). As observações sobre o contexto, texto e intertexto, bem como as possibilidades de ler cada um desses elementos que compõem uma obra literária proporcionam ao leitor um modo de ampliar os sentidos que podem ser atribuídos ao texto.

Identidade e corpo negro em Incidente na Raiz

O conto “Incidente na Raiz” traz em seu enredo uma discussão acerca da estética do corpo negro, com ênfase no cabelo. A personagem do texto é Jussara uma jovem negra que, desde criança,



pensava ser branca, uma vez que nem em sua certidão de nascimento constava a informação de que ela é negra: “Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório.” (CUTI, p. 118).

Após essa informação, o narrador inicia a descrição física de Jussara, detalhando áreas como cabelo, nariz, lábios e pele, bem como atitudes feitas pela personagem na tentativa de esconder e, se possível, modificar seus traços físicos. Ao descrever a ação de Jussara sobre o cuidado com seu cabelo, o narrador é irônico ao falar que o cabelo era “submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora” (CUTI, p. 118). Essa “drástica auditoria” nos indica que os esforços de Jussara para manter seu cabelo liso não era algo simples, mas sim procedimentos longos e até dolorosos.

Com isso, podemos observar que, apesar de ser a parte mais rápida para esconder a característica negra (cabelo crespo) era, também, a que merecia atenção diária, uma vez que nenhum dos meios encontrados fazia com que cessasse o crescimento do cabelo. Logo, assim que a raiz crespa do cabelo era vista, Jussara utilizava-se dos seus métodos para ocultar uma verdade sobre si.

A mãe da personagem também teve papel importante para que ela alimentasse o pensamento de não ser negra. Ao descrever os procedimentos feitos por Jussara para diminuir o tamanho do nariz, fica claro que o método de prendê-lo com pregador de roupas, ensinado pela mãe na infância, causou “algumas contusões dos vasos sanguíneos”. Enquanto a plástica não era feita, Jussara encontrava métodos paliativos para esconder o tamanho de suas narinas.

Podemos perceber que Jussara não se importava com a dor causada por cada procedimento, uma vez que resultasse em algum efeito que diminuísse ou sugerisse que seu nariz havia reduzido de tamanho. Com isso, apontamos para o fato de que, independente do sofrimento físico, seria mais dolorido para a personagem a identificação como negra, pois tal atitude poderia atingir a sua essência/identidade que ela mesma procurava ocultar e não conhecer.

A terceira parte do corpo de Jussara a ser descrita pelo narrador são os lábios. Por não gostar da carnosidade natural de seus lábios, a personagem mantinha-os “dentro da boca” como se estivesse mordendo-os. Nessa parte, outra informação é fornecida: os namorados de Jussara sempre eram brancos. Podemos inferir que essa “opção” era mais uma forma encontrada para distanciar-se da negritude. Quanto à pele, Jussara passava “muito creme e pó para clarear” (CUTI, p. 118), o que possivelmente não surgia o efeito esperado. Verificamos que Jussara procurava se relacionar apenas com aqueles que tinham os traços físicos que ela também pensava – e tentava – possuir.



Após a descrição dos métodos utilizados por Jussara para esconder seus traços naturais, o narrador se volta para o cabelo da personagem e narra a tentativa de ela livrar-se de vez do cabelo crespo com um alisamento definitivo. O procedimento era caro – o que fez com que ela abdicasse do sonho da rinoplastia – mas prometia alisar “a nascente dos pelos” (CUTI, p. 118).

O cabelo é uma das marcas de identificação do sujeito como afro-brasileiro. É, também, o que mais possui formas de ser modelado. Portanto, seria o primeiro problema a ser solucionado por Jussara. O que ela não esperava era que a substância utilizada no processo de alisamento causasse queimaduras em sua cabeça e, por isso, necessitasse de internação. No hospital, no dia seguinte, Jussara foi atendida por um enfermeiro negro que lhe perguntou: “*Tá melhor, nêga?*” (CUTI, p. 119), a reação da moça foi desmaiar mais uma vez.

Quem identifica Jussara como negra é outro negro, único personagem que tem fala no texto. É ele quem expõe sua opinião e contraria Jussara, uma vez que o cartório, a família da moça e ela se omitiam e negavam a negritude da personagem. Ao perceber que foi identificada como aquilo que ela buscava ocultar, a partir de diversas formas, ela percebe que as tentativas foram em vão e desmaia.

Podemos entender que o narrador escolheu apresentar as características físicas de Jussara a partir do critério crescente em dificuldade para esconder a negritude presente em seus traços, uma vez que modificar a textura do cabelo é mais fácil que modificar a cor da pele. Além disso, ao destacar essas partes do corpo o narrador as configura como os traços físicos importantes que podem designar uma pessoa como negra.

O texto levanta questões como a busca e os riscos que uma pessoa passa ao querer seguir um padrão de beleza que não condiz com suas características físicas naturais. O que Jussara sofre é marcado historicamente pelo processo de inferiorização do corpo do negro que, desde o período da escravidão era visto como coisa, como um simples objeto e, para que ela se aceite como negra é necessário

reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novos cânones de beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro (MUNANGA. In: GOMES, 2008, p. 15).

A partir da negação de sua cor e características corporais, Jussara só namorava homens brancos. Essa atitude reflete que a “rejeição do corpo negro condiciona até mesmo a esfera da



afetividade” (GOMES, 2008, p. 124), por isso, nessa procura de negar, transmutar aquilo que a identificava e a relacionava com a cultura negra. Podemos verificar que essas ações não ferem apenas a raiz do cabelo, mas também “aponta para a origem da personagem Jussara, para sua ancestralidade, o princípio, ou seja, a África” (GOMES, 2012), trazendo um duplo sentido para o título do texto, enriquecendo-o de significados.

O incidente na raiz do cabelo da personagem nos faz pensar sobre as consequências das ações que Jussara pratica sobre seu corpo. As tentativas frustradas em esconder sua cor, lábios e nariz não resultaram em um problema tão grave quanto a técnica de alisamento. Caracterizamos esse problema na raiz como algo que perpassa a história de muitos descendentes de africanos que veem em sua origem genética e cultural o motivo de não serem aceitos na sociedade passando, portanto, a negarem seu corpo em nome de um padrão estético.

Mexer na raiz é voltar ao passado de África na tentativa de apagar um legado cultural que incide sobre esses sujeitos. Ao fazer isso Jussara não percebe que é o grupo social que ela faz parte o agente causador da repressão e desvalorização da sua origem. O processo de reconhecimento é algo doloroso, como atestado pela própria personagem, contudo é necessário que haja um despertar étnico para que outras tentativas de esquecimento das raízes ocorram em menor incidência.

CONCLUSÃO

A escola é um espaço que torna possível que a rejeição da estética negra dê lugar ao movimento identificação/valorização a partir de uma escola mais engajada, mais colorida, diversificada e que veja o lado positivo nas diferenças étnicas, religiosas, culturais, estéticas. A pluralidade de público que frequenta o espaço escolar pode propiciar tal transformação que será vista desde as raízes dos seus alunos.

Em “Incidente na Raiz” podemos perceber a existência de um argumento que permeia todo o texto: o que procura justificar as tentativas de mudanças físicas de Jussara. Os procedimentos realizados pela personagem são sacrifícios pelos quais muitos indivíduos negros se sujeitam para ter seu corpo enquadrado no padrão estético considerado “perfeito”. A leitura desse conto em sala de aula é importante para que os alunos reflitam sobre como o negro pode se posicionar e como se sente tendo uma estética corporal, muitas vezes, diferente da que é vendida em propagandas.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Íris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; SANTOS JORGE, Miriam Lúcia dos. **Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras na Prática Pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CUTI. **Negros em Contos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

GOMES, Wanessa Denyelle Sousa; SILVA, Francielle Suenia da. **Por Que Ninguém Passa a Mão em Cabelo “Ruim”?** Da negação a valorização da identidade negra. Disponível em <<http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/d09bf41544a3365a46c9077ebb5e35c3.pdf>> Acesso realizado em 14 de dezembro de 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.